

O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva

I¹ Luciane M. Pezzato, ² Solange L'abbate I

Resumo: É significativo o número de estudos de natureza qualitativa que utilizam a técnica do diário em trabalho de campo. Tendo em vista as diferentes abordagens teórico-metodológicas às quais tais investigações se vinculam, este artigo tem como objetivo discutir as potencialidades de diferentes formas de produção de diários, quando utilizados como uma ferramenta de intervenção da Análise Institucional na Saúde Coletiva. Este estudo inscreve-se no contexto de uma pesquisa que analisou o trabalho de um grupo de profissionais da Saúde Bucal dispostos a propor estratégias inovadoras no modo de produção do cuidado presente em seus cotidianos na atenção básica do SUS Campinas-SP. Realizar esses registros possibilitou aos diaristas uma reflexão acerca da própria prática, desnaturalizando-a, o que permitiu explorar a complexidade do trabalho em saúde bucal na atenção básica. Mostrou, também, ser um caminho possível para dar sentido às suas “práticas”, sejam elas individuais ou coletivas.

► **Palavras-chave:** análise institucional; diário; saúde bucal coletiva; cotidiano dos serviços de saúde.

¹ Profa. Dra. da Faculdade de Odontologia do Centro de Ciências da Vida - PUC-Campinas, Doutora em Saúde Coletiva e Mestre em Educação pela Unicamp. Endereço eletrônico: lupezzato@yahoo.com.br

² Livre docente da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Endereço eletrônico: slabbate@fcm.unicamp.br

Recebido em: 06/02/2011.
Aprovado em: 11/09/2011.

A experiência, e não a verdade, é que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever, é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.

(LARROSA; KOHAN, 2002, p. 1).

Introdução

Diários de viajantes, missionários e escritores sempre foram publicados. É um gênero literário que se encontra em qualquer livraria. Todavia, os diários de pesquisa, na maioria das vezes, foram clandestinos, “ainda que produzidos por pessoas com notório *status* de cientista”, como os diários de Malinowski, Margareth Mead, Ferenczi e outros (LOURAU, 1993, p. 71).¹

Escrever um diário é uma prática que vem de longa data, que existe e se conserva por muito tempo. Segundo Hess (2006, p.90), a tradição do diário de pesquisa começou em 1808, com um livro de Marc-Antoine Jullien, numa época em que “a escola não era acessível para todos e o diário aparecia como um tipo de formação total do ser”. Porém, no contexto da pesquisa contemporânea, encontramos um grande número de estudos que utilizam técnicas que fazem uso do diário em trabalho de campo. Tendo em vista as diferentes abordagens teórico-metodológicas às quais os diários podem se vincular, este artigo tem como objetivo discutir as potencialidades do diário como uma ferramenta de intervenção da Análise Institucional (AI) na Saúde Coletiva.

Com o intuito de situar nossa vinculação teórico-metodológica à AI, ressaltamos, de acordo com Ardonio e Lourau, (2003, p. 25) a necessidade de “distinguir entre a AI Generalizada, AI Restrita e a AI em ato, ou Socioanálise”. Em seguida dirigiremos o foco para discutir o modo como trabalhamos com o diário na temática deste artigo. Para isso, tomaremos como pano de fundo as reflexões registradas em três tipos de diário produzidos durante a elaboração de uma pesquisa de doutorado. Tal investigação apoiou-se na AI, produzindo um encontro entre a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção, entre sujeitos, instituições, acontecimentos e movimentos.

Esta investigação foi desenvolvida no período compreendido entre os anos de 2004-2008, quando acompanhamos um grupo de estudos e seus sujeitos, que vinham discutindo uma proposta instituinte a fim de modificar o modo de produção do cuidado em Saúde Bucal presente em seus cotidianos na atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS) de Campinas-SP. Tal proposta foi denominada “Alta Pactuada em Saúde Bucal”, que tinha como propósito a construção de um pacto entre profissional de saúde e usuário sobre o modo de organizar a atenção à saúde bucal, bem como as ações específicas do seu cuidado, a fim de ampliar essa clínica, tornando-a acolhedora, inclusiva, e possibilitando que todos os sujeitos envolvidos discutissem, negociassem e construíssem pactos nas diferentes instâncias de gestão da sua unidade, ou seja, municipal, distrital e local. Buscava-se, portanto, um outro modo de intervir, contrapondo-se à racionalidade técnica característica da clínica odontológica tradicional, com práticas odonto-centradas, e que produziu, historicamente, uma relação hierarquizada entre profissional de saúde e “paciente”.

Analisar, refletir e escrever sobre as experiências dos sujeitos integrantes desse grupo nos fez assumir o lugar de quem narra os registros produzidos, as intencionalidades e interlocuções entre os sujeitos, responsabilizando-nos pelo discurso neles constituído. Esta pesquisa foi conduzida dentro de padrões éticos exigidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa / Conselho Nacional de Saúde / Ministério da Saúde (CONEP/CNS/MS), atentando-se, sobretudo, ao disposto na Resolução CONEP nº 196/96.

Os diários e suas vinculações teórico-metodológicas

No início do século XX, Bronislaw Malinowski inovou o modo de fazer etnografia² com a publicação da obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922, trazendo contribuições relevantes para o desenvolvimento da antropologia social. De acordo com Caprara e Landim (2008, p. 366), isso se deve ao fato do antropólogo ter permanecido por um longo período de tempo em campo, “convivendo com os nativos, [...] [o] que lhe permitiu uma análise aprofundada das culturas que estudou”. Esse método de pesquisa prioriza o trabalho de campo e a observação participante, sendo, até então, pouco utilizado na área das Ciências Humanas.

Para esses autores, Malinowski propôs alguns princípios que o etnógrafo deve adotar para desenvolver uma pesquisa etnográfica. São eles: “conviver

intimamente com os nativos; reunir informações diversificadas sobre um mesmo fato; reunir um grande número de dados sobre fatos diferentes e sistematizá-los em quadros sinópticos a fim de torná-los compreensíveis para todos” (p. 366).

Caprara e Landim (2008) destacam ainda que é fundamental realizar uma descrição detalhada do trabalho realizado no campo e de como se deu o processo de inserção, observação e coleta dos dados. Sendo assim, “uma parte expressiva do ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo” (WEBER, 2009, p. 157).

Para Weber (p. 157-158), o diário de campo

[...] é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação singular que teve Bronislaw Malinowski como pioneiro e que perdura na obra de Marcel Maget, caracterizada pela presença de longa duração de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda. Em torno desse método, também chamado de “observação participante”, houve inúmeros debates.

Foi o diário de campo de Malinowski, produto de sua imersão nas ilhas oceânicas, que serviu de base para a produção dessa obra inovadora. (MALINOWSKI, 1978). Porém, é importante destacar que “na pesquisa etnográfica, a distância entre o material bruto da informação coletado e a apresentação final dos resultados é frequentemente enorme” (CAPRARA; LANDIM, 2008, p. 366).

Ao fazer um longo estudo³ sobre diários de pesquisa, a partir principalmente de diários de antropólogos, sociólogos e psicanalistas publicados em 1988, Lourau (2004a, p. 265), aponta que o diário de campo de Malinowski baseia-se no método funcionalista de pesquisa etnográfica,⁴ utilizando-se da observação participante e do diário de campo, ou diário de “bordo”, como técnicas do trabalho de campo. Nessa abordagem metodológica, o pesquisador deve estabelecer uma distância quanto ao objeto a ser observado, demarcando a posição que deve assumir em seu campo de pesquisa e a relação frente ao objeto a ser pesquisado. O etnólogo, ou antropólogo, deverá produzir uma “metáfora da realidade na qual terá talvez estado, por algum tempo, imerso”.

Em 1967, 45 anos após a publicação dos *Argonautas*, foi editado, postumamente, o diário pessoal de Malinowski com o título: “Um diário no sentido estrito do termo”. Nessa obra, o autor constrói uma narrativa “íntima” escrita paralelamente

ao seu diário de campo, que foi mantido em segredo pelo autor. Segundo os editores, em seu diário íntimo, Malinowski assume “o que significa ser um antropólogo, alguém que trabalha com material humano, que não simplesmente observa e anota o que vê, mas passa a fazer parte do objeto de seu estudo, influenciando-o e sendo por ele influenciado” (MALINOWSKI, 1997).⁵

Segundo a análise feita por Henrique (2005, p. 294) sobre esse assunto, os diários íntimos são pouco utilizados como fonte histórica de documentação no Brasil. Ainda segundo ele, essa realidade começou a mudar apenas a partir de 1929, com a escola dos *Analles*, que introduziu métodos das ciências sociais à história, ampliando a visão de fontes históricas em pesquisas. Para o autor, essa forma de registro pessoal promove um verdadeiro “desnudamento dos sentimentos”. A publicação de um diário íntimo “revela verdades outras”, que muitas vezes “profanam ídolos, destroem mitos, desestruturam o equilíbrio que sustentava o ‘clã’.” Foi o que aconteceu com o diário íntimo de Malinowski.

Essa publicação, à época, foi muito mal recebida pela comunidade acadêmica, por tratar-se de um texto pouco ortodoxo. Causou polêmica, conforme podemos comprovar no prefácio da edição brasileira dos “Argonautas do Pacífico Ocidental” (DURHAM, 1978, p. XXIII-IV):

[m]uito discutível foi também a utilidade ou o interesse da publicação, em 1967, da tradução de seu diário íntimo – redigido em polonês durante o trabalho de campo nas ilhas Trobriand – e que Malinowski certamente jamais pretendeu publicar. De pouco valor científico ou literário, demonstra apenas sua constante preocupação com a saúde (aliás, não sem motivo) e as frequentes crises de angústia, mau humor e hostilidade para com os nativos que acometem, inevitavelmente, todo pesquisador de campo na situação de “observação participante” preconizada por Malinowski.

Essa posição é confrontada por Lourau (2004a, p. 273). O autor, buscando aperfeiçoar uma técnica de análise de implicações, faz uma verdadeira “autópsia” nos dois diários de Malinowski, e afirma que, entre o diário de campo e o diário íntimo,

[n]ão é possível traçar verdadeiramente a linha de demarcação [...]. Não há um dentro e um fora do relato etnográfico. Não existe um dentro e um fora da ciência, salvo em função de uma linha de demarcação imaginária, que jamais é dada, mas pode ser eventualmente construída pelo autor, pelo leitor ou pelo grupo-editor implicado na instituição científica.

Para Lourau, o que vai demarcar esta “linha divisória” será o modo como o pesquisador/diarista faz uso desse instrumento em campo durante o ato de pesquisar.

O diário, como técnica de registro do trabalho de campo, pode estar vinculado a outras abordagens teórico-metodológicas, e não somente a pesquisas etnográficas. É uma técnica muito usual entre os pesquisadores em pesquisa-ação. Barbier (2002) reconhece-a como uma técnica importada da etnologia. Numa abordagem mais crítica da pesquisa-ação, Barbier (2002) propõe um tipo que difere dos utilizados na etnologia: o diário de itinerância. Este segue referenciais teóricos fundamentados em sua proposta de pesquisa-ação existencial⁶ que vai “em direção a Castoriadis e à exploração do imaginário social” (LOURAU, 2004, p.64). Segundo o autor, o diário de itinerância “fala da *itinerância* de um sujeito (indivíduo, grupo ou comunidade) mais do que de uma trajetória” (Ibidem, p. 133). É composto de três fases: um diário rascunho, um diário elaborado e um diário comentado. O autor compara-o com outros dois tipos: o diário de pesquisa, proposto por Lourau (1988) e o institucional, proposto por Hess (1998). Esses dois autores compõem o grupo de pesquisadores da Análise Institucional francesa.

Para Lourau (2004a), o diário de pesquisa seria a narrativa do pesquisador em seu contexto histórico-social, um pesquisador implicado com e na pesquisa, e que reflete sobre e com sua atividade de diarista. Trata-se de uma técnica capaz de restituir, na linguagem escrita, o trabalho de campo, possibilitando “produzir um conhecimento sobre a temporalidade da pesquisa”, aproximando o leitor da cotidianidade do que foi possível produzir num dado contexto, evitando interpretações “ilusórias”, “fantasiosas” da produção científica (LOURAU, 1993, p. 51). Nesse sentido, o diário de pesquisa “permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito’ da prática)” (p. 77).

Essa restituição escrita propõe um “tipo de reflexão própria do escrever”, o que possibilita desnaturalizar a “neutralidade” do pesquisador, expondo suas experiências vividas no cotidiano, deparando-se com as fragilidades institucionais concretas (ibidem, p.79).

Hess (1988, p. 4) propõe outra tipologia, o diário institucional, que

[...] é uma tentativa pedagógica para conduzir as pessoas do nível da escrita íntima ao nível da escrita pública. [...] O objetivo deste trabalho é primeiramente - para aquele que o tem - clarear sua relação com o seu trabalho, sua relação com o estabelecimento ou instituição tomada como alvo da pesquisa. Quando este trabalho for difundido internamente no estabelecimento, o diário tornar-se-á ferramenta de intervenção, método de análise e, talvez, de mudança no lugar onde ele é também discutido, visto, contestado [...] consiste da descrição diária, como em um diário íntimo, dos fatos

organizados em torno de uma vivência em uma instituição (seu trabalho. [...] sua relação com uma pesquisa, etc.). Trata-se, não de contar tudo o que nos acontece em um dia, mas a cada dia (ou ao menos 3 ou 4 vezes por semana) de anotar um fato marcante [...] tendo uma relação com o objetivo que se está dando para este diário.

O diário é uma escrita do presente, “uma escrita para si (individual ou coletivo)”, uma escrita transversal, de fragmentos, pois o vivido é praticamente impossível de ser redigido, dada a sua complexidade. Sua abordagem pode ser temática – multirreferencial. Tal caráter lhe permite ser lido sob diferentes ângulos: individual, interindividual, grupal, institucional, organizacional. O diário opera sobre dois eixos: duração e intensidade. Com o tempo, ele pode adquirir uma dimensão histórica. Num diário, aceita-se “a espontaneidade e eventualmente a força do sentimento, a parcialidade de um julgamento, enfim, a falta de distanciamento” (p.92). Hess, (2006) propõe, também, algumas outras formas particulares de diários: diário íntimo ou pessoal, diário de viagem, filosófico, de pesquisa, de formação, institucional e o diário dos momentos.

Conforme afirmamos anteriormente, nas pesquisas de cunho qualitativo, o diário pode estar vinculado a diferentes paradigmas e abordagens teórico-metodológicas, e pode receber diversas adjetivações.

Dalmolin, Lopes e Vasconcellos (2002) publicaram um artigo apresentando reflexões sobre o processo metodológico de duas pesquisadoras no campo da Saúde Coletiva, a partir dos diários de campo que mantiveram durante todo o processo de pesquisa. As autoras optaram por uma abordagem etnográfica por acreditarem que assim poderiam trazer novas contribuições, privilegiando a compreensão dos padrões culturais, desnaturalizando dessa maneira as construções sobre a saúde e a doença. Por tratar-se de uma pesquisa na área da Enfermagem e da Fonoaudiologia, procuraram dar ênfase às questões de cunho cultural pouco privilegiadas, em detrimento dos aspectos mensuradores e instrumentais da maioria das investigações desses campos de conhecimento.

Entendemos que o diário, na perspectiva da AI, é uma ferramenta de intervenção que tem o potencial de produzir um movimento de reflexão da própria prática, na medida em que o ato da escrita do vivido, no âmbito individual ou no coletivo, é o momento de reflexão sobre e com o vivido, revelando o não dito e pressupondo a não neutralidade do pesquisador no processo de pesquisar. Sendo assim, para registrar os processos de subjetivação dos sujeitos implicados na referida pesquisa de doutorado, seja no âmbito individual, seja no grupal/coletivo, escolhemos três

tipos de diário: o Diário de Pesquisa (DP) (LOURAU, 1988; 2004a; 1993) e o Diário Institucional (DI) e Diário dos Momentos (DM) (HESS, 1998; 2006).

Três diários em um

O diário é um excelente instrumento de análise da vida institucional.

(HESS, 2006, p. 91)

Denominamos DI os diários escritos por quatro sujeitos integrantes do grupo já referido que, implicados com as propostas de ação-intervenção na saúde bucal do SUS Campinas, propuseram-se a: exercitar a linguagem escrita, expondo-se em suas fragilidades profissionais-sociais-culturais-políticas-libidinais, ou seja, analisando as diversas dimensões de sua implicação no exercício profissional. Foram momentos que permitiram a cada um “parar para pensar” sobre a produção do cuidado em saúde bucal, refletir sobre e como “fazer procedimentos”, ditos odontológicos, em seus cotidianos, demarcando a implicação de cada um e do grupo nesse processo. Isso porque, de acordo com Hess, (1998, p.02):

[t]ornar-se sujeito do processo de escrita é primeiramente entrar progressivamente numa elaboração, numa construção do sujeito e do objeto que passa por um trabalho sobre o que nos constitui tanto ao nível do imaginário quanto do real. A escrita de um diário é também uma forma de analisar a articulação de dimensões também diferentes como as do individual, do interindividual, do grupal, do organizacional, do institucional.

Nesse contexto, denominamos DM ao conjunto de “acontecimentos” gerados durante a produção da referida pesquisa, procurando trazer a singularidade dos encontros do grupo, bem como a de um conjunto de situações que emergiram na e da pesquisa, no âmbito individual e coletivo. Partindo da ideia de “momento como singularização antropológica de um sujeito ou de um grupo social”, já proposta por Hegel, e inspirando-se em Henri Lefebvre, que diversificou essa teorização, Hess (2006) propõe o momento enquanto

[...] tomada de consciência de um vivido, numa situação em condições semelhantes, que permite nomear e estruturar o momento (momento de trabalho, momento de criação) e o identificar de novo, a partir de seus critérios conhecidos, ligados aos elementos constitutivos de sua situação. [...] nós não temos meios de agir sobre o instante nem sobre as situações (imprevisíveis) a não ser desenvolvendo um sentido de improvisação que permite fazer em face de este imprevisto. Ao contrário, a condição de ser “conscientizado, refletido, desejado”, o momento, porque ele vem, porque ele se torna conhecido cada vez melhor acaba por “se instituir”, se deixa desenvolver de

novo, despregar em uma história pessoal ou coletiva. Seu autor lhe dá forma e ele, por sua vez, dá forma a seu autor. (p. 100-101)

Finalmente, denominamos DP aos registros produzidos pela pesquisadora, autora da tese de doutorado, durante todo o tempo de duração da investigação, pois, segundo Lourau, (1993, p.51) “tal técnica não se refere especificamente à pesquisa, mas ao processo do pesquisar”. Nesse diário encontram-se as impressões dos encontros do grupo, das visitas realizadas nas unidades de saúde, nas quais atuavam os quatro sujeitos que se colocaram como “diaristas-implicados” no e com o grupo e com a pesquisa. Foram registradas ainda as implicações profissionais-sociais-culturais-políticas-libidinais da autora. Há, inclusive, impressões cuja constituição são anteriores à pesquisa, marcando fragilidades teóricas e metodológicas. Enfim, esse diário pode ser considerado um analisador construído na situação de pesquisa, que reconstrói a história subjetiva da pesquisadora. Para Lourau (1993), o diário de pesquisa faz a restituição da pesquisa de campo; acredita ainda que ele, assim como

[...] outros dispositivos inventados ou a inventar, possa auxiliar a produzir outro tipo de intelectual: não mais o orgânico [...], de Gramsci; nem o engajado, de Sartre [...]; mas o *implicado* (cujo projeto político inclui transformar a si e a seu lugar social, a partir de estratégias de coletivização das experiências e análises). Talvez, se pudermos tornar tais estratégias cada vez mais populares, possamos sentir um pouco os resultados dessa utopia. É uma aposta e, como tal, apresenta seus riscos. (p.85)

Nos três tipos de diários, ficaram demarcadas a singularidade, a particularidade e a universalidade em cada um dos envolvidos, conforme podemos destacar alguns destes movimentos, no item a seguir.

Movimentos de ação, reflexão, intervenção: exercitando a escrita do vivido

*Escrever no diário institucional é muito legal,
porque quando você escreve, você reflete.*

(DM - 09/06/2005)

Quando foi proposto para o grupo que assumíssemos o papel de diaristas, que passássemos a registrar, num diário, questões do vivido em nossos cotidianos, nossas discussões no grupo, nossas implicações, não levamos uma proposta fechada. Não sabíamos, *a priori*, como essa ferramenta seria apropriada pelo grupo, individual e

coletivamente, ou mesmo na pesquisa de doutorado. Na perspectiva da pesquisa-intervenção, a partir do referencial teórico-metodológico relacionado, trabalhamos no plano dos acontecimentos, do ineditismo de cada experiência, deixando que os movimentos produzidos no processo de pesquisar nos surpreendessem.

Foi o que aconteceu. Não sabíamos quem iria assumir a produção de um DI, mas, com o passar dos encontros, cada integrante foi se interessando e se apropriando dessa ferramenta. Em julho de 2006, tínhamos quatro profissionais realizando seus registros de maneira mais sistemática. Os outros tipos de diários surgiram no decorrer dos acontecimentos, seguindo os movimentos gerados no processo de pesquisar.

A proposta era que o DI trouxesse à tona reflexões geradas na experiência de cada um dos diaristas, possibilitando analisar o que eles estavam refletindo a partir de suas próprias “ações-intervenções” em seu cotidiano de trabalho, caracterizando-os também como pesquisadores, trazendo para o debate seus conhecimentos e saberes.

Com isso, no decorrer dos encontros, os sujeitos traziam suas propostas e ações, suas angústias, desejos, avanços e dificuldades, possibilitando, e ao mesmo tempo produzindo e construindo, um espaço de reflexão. Tal estratégia gerava um movimento reflexivo contínuo e permanente sobre suas ações-intervenções, pois, quando voltavam para seus “lugares” após os encontros, voltavam “tocados” pelos conteúdos/saberes das discussões. As “falas” ecoavam em seus pensamentos, como evidencia o registro a seguir:

O dia seguinte é puro entusiasmo. Eu saio com muita vontade de fazer acontecer o projeto, falo bastante com os pacientes e, com o passar dos dias, até a próxima reunião, parece que vai esfriando, acabando a lenha. Até a próxima dose de vitamina que é no próximo encontro mensal. (DI de Flora, 10/02/2006)

Quando estavam em seus locais de trabalho, os profissionais também faziam relações com o que era discutido no grupo e colocavam suas angústias, conforme ficou registrado nesses dois trechos de DIs que seguem:

Hoje tivemos reunião do colegiado de saúde bucal para definirmos como faríamos as orientações para registro dos Procedimentos Coletivos no SIAB, de acordo com a publicação da Portaria. Ainda temos muitas dúvidas e, durante a discussão de como iríamos registrar o “tipo de tratamento” (iniciado, completado...), fiquei pensando como o conceito da alta pactuada teria coerência nesta discussão, [...], mas não tive “ânimo” para falar sobre isto, afinal nesta reunião aconteceu tanta coisa desagradável que fiquei desanimada. (DI de Sol, 27/04/2006).

Trazendo este relato para nosso estudo, fiquei pensando no processo de escuta do paciente, em ouvir a sua necessidade, embora neste caso a intervenção fosse necessária, mas pensar no que a gente acha importante talvez não seja a real necessidade do paciente. (DI de Flora, 14/12/06).

Para uns, o DI era uma possibilidade de, ao parar para refletir sobre seu cotidiano, fazer uma análise do momento político pelo qual vinham passando os serviços de saúde bucal no SUS do município. Podemos perceber claramente nestes registros, suas implicações demarcadas:

Senti a necessidade de, neste relato, falar sobre a dificuldade que atravessamos [...] no abastecimento de insumos odontológicos nas UBSs. De onde estou, numa UBS, trabalhando diretamente na assistência, este fato ocorre no exato momento em que, numa reunião de nosso Conselho Local de Saúde, tivemos nosso serviço odontológico elogiado, pelos usuários, como sendo o que melhor funciona dentro do CS, seguido pelo dos agentes comunitários. Ao mesmo tempo em que a equipe se sente estimulada pelo reconhecimento do trabalho, nos pesa o fato de que, na visão da SMS, os insumos odontológicos não são prioritários para compra neste momento de crise. Fomos obrigados a interromper o agendamento dos pacientes [...], ficamos ociosos alguns dias, pela falta de insumos básicos, como agulha e anestésico, por exemplo, tivemos a notícia de que nosso serviço de Prótese foi extinto, enfim tivemos grande perda de entusiasmo. A que se deve isto? Sei que em Saúde Pública, os recursos são sempre disputados, há grande dificuldade de compreensão, por parte dos gestores municipais, em reconhecer a Saúde Bucal como direito legítimo da população, de compreender nosso processo de trabalho, [...], isto é histórico. Por outro lado, há grande dificuldade dos profissionais da saúde bucal em se articular para mudar esse panorama, e dos usuários em se apropriar deste direito de cidadania, um sorriso saudável. Penso, como ex gestor em Saúde Bucal, que o grande desafio é esse, o da apropriação, por parte dos usuários, do direito à Saúde Bucal, [...], se não fizermos nada, [...] passaremos pelo descrédito da população, da perda de seu valor social, chegando ao sucateamento e extinção dos serviços. Creio que [...] atravessamos um momento crucial, já se fala em terceirização de serviços, de mão de obra, de precarização de contratos, enfim não devemos menosprezar esses sinais, devemos, isto sim, investir, na estratégia da articulação dos que são comprometidos com o SUS, e com os serviços de Saúde Bucal público e com qualidade (DI de Leão, Fev/ 2006).

Será que somos nós, ínfima minoria, que estamos tentando ver as coisas de “outro modo”? Parece que todo governo quer apenas dar seu nome para um “novo programa”. A população precisa de Pronto Socorro, mas também tem direito a tratamento, continuidade e atenção [...] Na ponta, sentimos falta de material básico [...]. O que será de nós!?! (DI de Marina, 01/12/05).

Os diários trouxeram reflexões que, sem o espaço protegido, dificilmente encontrariam eco nos serviços de saúde.

Mas o que me move é o prazer que sinto em ver que, às vezes, quando o cenário macro conspira contra o SUS, vejo centenas de trabalhadores anônimos, quietinhos, no palco

do seu dia a dia, fazendo um trabalho de formiguinha e não deixando a peteca cair nunca, com idealismo, acreditando, se comprometendo cada vez mais com a saúde pública. E não são poucos não, um dia choram por não ter o que fazer, em outro já estão animados, sorrindo, discutindo para melhorar, são os verdadeiros revolucionários. (DI de Leão, set/2006).

Uma das integrantes, após ler os registros dos diários tornados públicos ao grupo, pôde acompanhar as reflexões dos colegas e dar sua opinião: “[...] fiquei muito entusiasmada com a inclusão de trechos dos diários [...], que complementaram e contribuíram não apenas para o trabalho, mas já houve um grande avanço nas reflexões para nosso projeto” (DI de Sol, 09/08/06). Pediu ainda que lessem seus registros e trouxessem contribuições:

Pessoal, gostaria de fazer algumas reflexões sobre minha prática diária. [...]. Vou procurar escrever esse relato sem nenhuma censura, ficando com uma linguagem bem próxima do que sinto, logo espero, espero mesmo, que discordem, deem pitaco, contribuam, etc (DI de Leão, 06/05/05).

Os momentos experienciados pelos integrantes do grupo nos encontros foram únicos e altamente significativos. Por isso, foram registrados separadamente nos DMs, pois eram, ao mesmo tempo, momentos do grupo (coletivo) nos quais todos partilhavam de condições semelhantes de trabalho, num mesmo período de tempo, buscando, de alguma forma, gerar um movimento em seus cotidianos. Constituíam também momentos individuais, na medida em que cada um relatava suas próprias conquistas e dificuldades no cotidiano nas unidades de saúde onde atuavam.

Por exemplo, no 14º encontro do grupo, houve um debate acalorado a respeito da existência de experiências inovadoras em saúde bucal na rede antes do Paideia.⁷ Ainda que não tenhamos chegado num consenso no grupo, a maioria afirmou que, mesmo antes da implantação do Paideia, algumas experiências já vinham acontecendo na saúde bucal, mas eram isoladas, sem visibilidade. Com o novo modelo, apesar de terem sido valorizadas, continuaram pontuais. É importante apontar que muitas dessas propostas *instituintes* só aconteciam efetivamente a partir de atitudes isoladas, de acordo com a postura do dentista local, pelo seu protagonismo, e não necessariamente pela atuação da gestão (DM, 15/08/06).

Discordando da maioria, um dos integrantes, que representava um papel de gestão no grupo, afirmou que:

Quando começou o Paideia, as tragédias eram tantas que nossos problemas ficaram pequeninos diante do mundo que você descobre lá fora. Até então, o profissional tava enclausurado nas quatro paredes (DM, 25/05/06).

Nem sempre as discussões chegavam a um consenso. Esse não era objetivo do grupo. Cada um levava simplesmente suas angústias, reflexões e posições frente aos seus cotidianos e projetos em experienciação.

No DP, também foram registradas certas impressões, trazidas das percepções, dos efeitos e sentidos produzidos na pesquisadora, não somente das reuniões com o grupo, mas das visitas às unidades de saúde. Tais visitas foram mais um recurso utilizado com intuito de conhecer a realidade dos dentistas que integravam o grupo, agregando assim novos elementos à análise proposta. Porém, quando a pesquisadora iniciou as visitas, percebeu que não estava fazendo uma observação participante, característica das pesquisas etnográficas: estava introduzindo algo mais do que “observar”, conforme ficou registrado em seu DP:

Descentrar a análise. Essa ideia ficou me incomodando dias e dias porque elas “diziam coisas” que me faziam pensar nas visitas, e aí eu percebi que o que eu estava fazendo era olhar para tudo aquilo que estavam me mostrando, mas não simplesmente para descrever o que via, mas para decompor, analisar o que também não estava sendo mostrado ali, o que não estava no script, não reconhecendo apenas o que estava instituído, mas o que não estava. Preciso encontrar uma significação que demonstre o que estou fazendo nas visitas e que não é “observação participante” porque estou implicada o tempo todo no processo, não estou apenas “observando”, estou me colocando e recolocando o tempo todo. Então pensei em “olhar implicado e atento” (DP, 28/04/06).⁸

A partir dessa reflexão, encontramos inspiração na expressão de Lapassade, “o olho pensa”. A expressão, para o autor, caracteriza o termo *analisador*, ou seja, “o caminho para o analisador é um caminho analisador: decompõe o discurso científico, introduz nele o inesperado” (RODRIGUES et al., 2002, p. 11).

Numa tentativa de narrar o vivido pela pesquisadora, principalmente do que foi “olhado e pensado” nas visitas às Unidades de Saúde, lançamos mão de um poema de Manoel de Barros, que nos ajudou a “transver” e “desformar” o caminho do analisador:

[...] A arte não tem pensa: / O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. / É preciso transver o mundo / Isto seja: / Deus deu a forma. Os artistas desformam / É preciso desformar o mundo: / Tirar da natureza as naturalidades (2000, p. 75).

Os sentidos postos diante dos olhos da pesquisadora nas visitas realizadas foram produto das possíveis compreensões construídas daquilo que ela viu e transviu naqueles determinados momentos. Esse fato possibilitou perceber o quanto aquele espaço revelava da realidade vivida individual e coletivamente pelos dentistas. Todas as visitas foram singulares e fundamentais diante das escolhas teórico-metodológicas.

Podemos perceber que os registros contidos nos diversos diários estão marcados pelos modos como cada um se apropriou dessa ferramenta de intervenção, que traz suas singularidades, seus momentos e suas vivências/experiências na busca de criar outras institucionalizações para seu cotidiano. Como exemplo, podemos perceber no DM de 28/08/07 quando os presentes discutem as singularidades das suas experiências da Alta Pactuada em seus cotidianos:

O quê pressupõe esse projeto da alta pactuada? [...] A ampliação do acesso, o pacto com o usuário, é, a questão da equidade mesmo que está aí, e aí você vai com isso para as Unidades. Agora, você vai fazer da mesma forma lá no, no CS"D" e lá no CS"C"? [...] Cada lugar vai ser de uma forma diferente, então, no lugar que eu estou, hoje, por exemplo, eu não estou trabalhando com agendamento, por quê? Porque as características do local não permitiam, [...] Mas assim, a partir do momento que você chega, tem que analisar os recursos novos ou então você agrega alguma coisa, [...] Então lá, primeiro nós sentamos e conversamos, vamos fazer desse jeito então! Ampliar de uma outra maneira, abrir, enfim...

Mesmo que pensem de maneiras diferentes, cada um traz seus sentimentos, seus saberes, suas percepções da própria prática para debater num espaço de “livre dizer” e livre aprender.

Considerações finais

A utilização dos diários como ferramenta de intervenção da AI na saúde bucal possibilitou, no processo da pesquisa, operar em diferentes dimensões, considerando as três tipologias empregadas: (1) os diários institucionais criaram condições para que fossem capturadas as intenções dos sentidos advindos do momento em que cada um dos quatro diaristas se encontravam nos processos que marcaram suas implicações; (2) os diários de momentos, cuja duração e intensidade propiciaram que, em alguns encontros, ocorressem debates intensos e acalorados com relação às experiências da proposta da Alta Pactuada, potencializando análises das situações conflituosas e complexas que surgiram nas relações entre os saberes e práticas instituídas e instituintes, entre usuários, profissionais de saúde e gestão nos microprocessos da clínica da saúde bucal; e (3) diário de pesquisa, desenvolvido pela pesquisadora, em que foi possível mergulhar nas múltiplas implicações.

Em síntese, contamos com uma escrita transversal, com diversos registros que permitiram explorar a complexidade do tema em questão, mesmo se tratando de

uma escrita fragmentada, pois, como afirma Hess (2006, p.92) “a redação do vivido é sempre limitada. Não é possível dar-se conta de forma exaustiva do cotidiano”.

O uso metodológico dos diários, em suas versões como DI, DP e DM possibilitou enxergar outros modos de intervenção da própria clínica odontológica, na medida em que, quando o diarista escreveu ou relatou sobre o que viveu, precisou elaborar como se deu determinada ação, tirando-a do “plano de cena natural” do cotidiano, colocando-a em discussão e no plano da reflexão. Esse exercício provocou uma desnaturalização de certas atitudes, ou mesmo procedimentos, movimentando o já conhecido, percebido, e mostrando outras possibilidades, quando se instaura a “implicação”.

Agradecimentos

Agradecemos, em especial, aos “diaristas”: Martins, A.A.; Santangelo, E.; Capello, R.C.M.B. e Nascimento, R.A., pela participação e pelas contribuições durante todo o processo desta investigação.

Referências

- BARBIER, R. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Plano, 2002. 159p.
- BARROS, M.T. *Livro Sobre o Nada*. Rio de Janeiro: Record. 2000. 88p.
- CAPRARA, A.; LANDIM, L.P. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v. 12, n. 25, p. 363-76, 2008.
- DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação. *Saúde e Sociedade*, v. 11, n. 2, p. 19-34, 2002.
- DURHAM, E.R. Vida e Obra. In: MALINOWOSKI, B. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. XXIII-IV. (Os pensadores).
- HENRIQUE, M.C. *Um toque de voyeurismo*. *Physis-Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, n. 2, p. 285-303, 2005.
- HESS, R. Uma técnica de formação e de intervenção: o diário institucional. In: HESS, R.; SAVOYE, A. (coord.). *Perspectives de l'Analyse Institutionnelle*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1998. p. 119-138.

_____. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E.C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.89-103.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores). 424p.

_____. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997. 336p.

LARROSA, J.; KOHAN, W. Apresentação da Coleção. In: RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 192p.

LOURAU, R. *Le journal de recherche*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988. 271p.

_____. René Lourau na UERJ- 1993. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993. 116p.

_____. O instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau*. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 47-65.

_____. Uma técnica de análise de implicações: B. Malinowski, Diário de etnógrafo (1914-1918). In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau*. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004(a), p.259-283.

WEBER, F. A Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, 2009.

Notas

¹ Esse livro está esgotado, porém encontra-se disponível em: <http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/issue/view/20>. Acesso em 22 ago. 2008. Revista *Mnemosine*. v. 3, n. 2, 2007.

² É, por excelência, o método utilizado pela antropologia na coleta de dados. Baseia-se no contanto intersubjetivo entre o antropólogo e seu objeto de estudo, trabalhando com uma ampla diversidade de fontes de informações. Para Geertz (1989), não é apenas um método de pesquisa, mas sim um processo de investigação reflexivo construído conjuntamente com o grupo de pessoas participantes do estudo antropológico.

³ Publicado no *Le journal de recherche*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

⁴ Lourau (2004a, p. 264) atribui a paternidade da técnica de observação participante das pesquisas etnográfica a B. Malinowski.

⁵ Esta citação foi retirada da orelha do referido livro.

⁶ Para Barbier (2002, p. 63), a pesquisa-ação existencial sinaliza um novo rumo da pesquisa-ação, pois esta “radicaliza completamente os precedentes por um prolongamento das dimensões mais pessoais e comunitárias que não mais se sustentam unicamente nos alicerces das Ciências Sociais, mas assumem plenamente a dimensão filosófica da existência humana requalificada”.

⁷ O projeto Paideia foi uma política de governo da gestão municipal 2001-2004 que trazia algumas diretrizes para a organização dos serviços de saúde: acolhimento, vínculo, responsabilização, adscrição, territorialização e uma gestão colegiada. Mais detalhes sobre o Programa Paideia - Saúde da Família consultar Campos, G.S.W. *Saúde Paideia*. São Paulo: Hucitec, 2003.

⁸ Utilizamos *itálico* nas citações que se referem aos registros dos diários, sendo que nos DIs especificamos os respectivos pseudônimos, de acordo com as opções descritas na pesquisa que deu origem a este manuscrito.

Abstract

The use of diaries as tools for intervention in institutional analysis: reflections on everyday work in collective oral health

This paper discusses the potential of different ways of producing diaries when used in collective health as tools for intervention through institutional analysis. The text and its argument are based on an analysis of many different studies that use the technique of diaries in fieldwork. Several theoretical and methodological approaches are considered in this study, which was related to academic work for the attainment of a doctoral degree. The work of a group of oral health professionals interested in proposing innovative strategies for developing types of care in their work in the public health system in Campinas city, SP, Brazil. The practice of writing diaries allowed the professionals to reflect on their everyday work and experiences. Complex and often conflictive situations in basic activities in oral health are described and elaborated on, and the method has proved to be a feasible manner for these professionals to give meaning and form to their individual and collective “practices.”

► **Key words:** Institutional analysis, diaries, collective oral health, routine health services.